

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Teoria Literária - TEL
Licenciatura em Letras Português e Literatura

Amanda Stefany Dias de Melo

A Memória Pantaneira na poética de Aclyse de
Mattos

Brasília

2018

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Teoria Literária - TEL
Licenciatura em Letras Português e Literatura

Amanda Stefany Dias de Melo

A Memória Pantaneira na poética de Aclyse de Mattos

Trabalho final (Monografia) na área de
Literatura para o título de licenciada em Letras
Português e sua respectiva licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Danglei de Castro
Pereira.

Brasília
2018

Aos meus pais que me deram todo o suporte
e condições para chegar até aqui.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por me capacitar todos os dias para produzir essa pesquisa.

Agradeço de modo especial a minha família que nunca me deixou desistir e aos meus amigos que me apoiaram durante essa caminhada;

Ao meu namorado William que foi o primeiro leitor e maior ouvinte dessa pesquisa;

Ao meu orientador Danglei de Castro por ter me apresentado a literatura cuiabana e por ter tido a paciência durante as orientações e por transmitir tanto conhecimento.

Dia quente de verão

Folhas imóveis no bosque

quase pintura

não fosse

essa ave cantando

Aclyse de Mattos

Resumo:

Este trabalho irá apresentar a poesia de Aclyse de Mattos. Será alvo de discussão o local do poeta dentro da literatura brasileira, acreditando que de forma atemporal, o cuiabano se encontra presente da estética modernista, sendo um poeta regionalista, ou seja, que procura retratar o Pantanal Mato-Grossense das diferentes formas.

Palavras-chave: Aclyse de Mattos; Modernismo; Literatura Brasileira; Regionalismo.

Abstract:

This work will present a poetry by Aclyse de Mattos. The target will be the place of poet in Brazilian literature, believing that the form of timeless, the cuiabano is present in modernist esthetics, being a regionalist poet, that is, the author seeks to portray the Mato Grosso Pantanal of different forms.

KEYWORDS: Aclyse de Mattos; Modernism; Brazilian Literature; Regionalist.

Sumário

	página
1. Introdução _____	09
2. Modernismo Brasileiro: a geração de 45 e o lugar de Aclyse de Mattos _____	11
3. A poética de Aclyse de Mattos: autor pantaneiro _____	13
4. Considerações Finais _____	36
5. Referências Bibliográficas _____	37
6. Bibliografia _____	39

1. Introdução

Ao focalizar o espaço de origem, muitos poetas, ampliam a identificação a sua região em direção a valores universais por meio do recorte individual próprio à lírica. Nossa ideia, neste estudo, é investigar a mobilização da memória na focalização do espaço pantaneiro em *Quem muito olha a lua fica louco*, de Aclyse de Mattos.

Com esta preocupação abordaremos a presença da memória individual, conforme Le Goff (1990), como elemento de construção do recorte lírico do autor investigado. Selecionamos como *corpus* para o estudo o livro *Quem muito olha a lua fica louco*, de Aclyse de Mattos. O que justifica a seleção do *corpus* é a focalização de traços da memória individual ligadas à descrição do espaço pantaneiro nos poemas do livro. Compreendemos, ainda, a poética do autor investigado como detentora de qualidades estéticas e temáticas importantes em um contexto mais amplo quando pensamos a identificação à “cor local” na literatura brasileira, na aresta das considerações de Machado de Assis (1965).

A relevância estética dos poemas selecionados é outro aspecto a ser destacado na seleção do *corpus*, fato que garante um lugar para poetas como Aclyse de Mattos na tradição literária brasileira. Entendemos que a inclusão de novos autores, no caso, Aclyse de Mattos é aspecto relevante na valorização da diversidade literária no Brasil, o que se alinha ao percurso teórico da revisão do cânone no contexto historiográfico brasileiro, recorte teórico do projeto de pesquisa “Historiografia e cânone: autores marginais”, projeto ao qual este estudo é vinculado.

A presente investigação justifica-se, ainda, na medida em que acreditamos na necessidade de constante revisão da historiografia literária nacional como algo necessário para a valorização da diversidade de estilos e autores em nossa tradição literária; o que justifica a apresentação da obra de um autor como Aclyse de Mattos.

São objetivos da pesquisa abordar os aspectos da memória pantaneira na lírica de Aclyse de Mattos, tendo como foco específico a obra: *Quem muito olha a lua fica louco* e, na medida do possível, discutir a diversidade da literatura modernista brasileira, sobretudo, após 1945 e apresentar a obra de Aclyse de Mattos em um contexto historiográfico no Brasil Modernista.

O projeto de pesquisa discutirá em um primeiro momento o conceito de memória e a delimitação teórica da lírica. Posteriormente, a investigação abordará nos poemas de *Quem muito olha a lua fica louco* a presença da mobilização da memória pantaneira como espaço de criação poética. Em um segundo momento, ambientaremos a obra do autor em investigação ao

movimento modernista, sobretudo após 1945, dando atenção à problemática da memória na construção poética.

Desta maneira, o principal aspecto metodológico envolvido no projeto consiste em abordar a obra do autor, no caso, Aclyse de Mattos, catalogar parte de sua recepção crítica vinculada à mobilização da memória do Pantanal e, por meio de sua ambiência ao movimento modernista, investigar sua obra à luz do conceito de lírica conforme Staiger (1971).

Cabe lembrar, que não pretendemos colocar o autor em discussão em posição de destaque dentro do Modernismo ou Pós-modernismo brasileiro, antes discutir um dos aspectos de sua construção lírica: a mobilização da memória pantaneira em sua lírica.

2. Modernismo Brasileiro: A geração de 45 e o lugar de Aclyse de Mattos

O Modernismo Brasileiro foi um movimento estético-artístico-literário do século XX. O movimento conseguiu após anos desbancar o Parnasianismo e mudar a estética da literatura nacional. A nova estética fez alterações, as quais são: os sonetos rebuscados não estão em primeiro plano, e sim uma poesia livre com o linguajar comum ao da população da época. O príncipe poeta, Olavo Bilac, foi deixado de lado e novas personalidades surgem como Mário de Andrade e Oswald de Andrade. A Academia Brasileira de Letras (ABL), a qual tem por um dos fundadores Machado de Assis vivia de memórias passadistas e as vanguardas europeias penetram na arte brasileira.

Logo mais o modernismo entrou dentro da cultura nacional, e assim, ganhando nome e lugar na Literatura Brasileira. Contudo, muitos críticos e estudiosos consideraram que ele teve seu marco inicial na Semana de Arte Moderna de 1922 que aconteceu em São Paulo de 11 à 18 de fevereiro no Teatro Municipal. Alfredo Bosi (2017) diz em sua *História Concisa da Literatura Brasileira* que a Semana foi um ponto de encontro de um grupo que já estava sendo formado na burguesia carioca e paulista. Grupo que buscava discutir intelectualmente sobre as novas tendências mundiais da arte -as vanguardas europeias. Para o crítico:

Se por Modernismo entende-se *exclusivamente* uma ruptura com os códigos literários do primeiro vintênio, então não houve, a rigor, nenhum escritor pré-modernista. [...] entende-se como algo mais que um conjunto de experiências de linguagem; se a literatura que se escreveu sob o seu signo representou *também* uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira, então houve, no primeiro vintênio, exemplos probantes de inconformismo cultural [...]. (BOSI, 2017, p. 354)

A primeira definição é mais sucinta e não abarca todo o movimento, entretanto a segunda além de ser mais abrangente, classifica melhor o Modernismo Brasileiro e todas as suas gerações, desde a primeira, iconoclasta, até a de 1945, na qual se localiza Aclyse de Mattos.

Salienta-se que o movimento modernista ao ter seu início com o Oswald de Andrade trazendo influências das Vanguardas Europeias como, por exemplo, o Futurismo ao Brasil

não quis uma ruptura com o passado e sim uma atualização como Mário da Silva Brito relata na *História do Modernismo Brasileiro* (1964)

Ao mesmo tempo que prega a inovação, a modernização, a libertação, enfim, dos cânones acadêmicos, Oswald de Andrade não quer que se percam as raízes nacionais, que podem ser fecundas para a arte e o seu artífice, ambos brasileiros antes de tudo. (BRITO, M.S., 1964, p.33)

A geração de 45 compreende uma diversidade de autores como, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge Lima, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e alguns dos poetas que fizeram parte da década de 30 e continuaram a produção literária sem esquecer de se renovar esteticamente. Alfredo Bosi (2017) afirma que aqueles que escreveram após a Guerra Fria (1945) buscou a reelaboração de ritmos antigos e a formalidade. Nesse momento podemos encontrar, também, Ferreira Gullar e João Cabral de Melo Neto.

Dentro desse círculo de artistas pode-se colocar Aclyse de Mattos, o poeta cuiabano que transforma palavras em imagens, paisagens mato-grossense e crítica social. Ele continua a fazer o que o movimento pregou inicialmente, revelar o povo brasileiro com verossimilhança e não com distanciamento.

Proença Filho (2004) afirma que a visão de poesia hodierna é apoiada ao sentimento do autor que constrói sua lírica baseando-se em sentimentos, memórias, recordações e histórias contadas a partir de recortes individuais/subjetivos. Aclyse de Mattos utiliza de forma muito recorrente versos livres com uma linguagem que dialoga com temas líricos propondo a recuperação dos elementos espaciais da região pantaneira, na qual o poeta vive. Seus poemas são reflexos de sua vivência pessoal e, por isso, adquirem alto grau de lirismo e uma conotação individual ligada a expressão pantaneira, o que dá um traço introspectivo a sua expressão do cenário pantaneiro, sobretudo, do Pantanal de Mato Grosso.

3. A poética de Aclyse de Mattos: autor pantaneiro

Aclyse de Mattos nasceu um dia antes da cheia de 1959 na Cidade Verde (MT). Formado em administração de empresa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio em 1982, especializou-se em propaganda e marketing em 1989 na Escola Superior de Propaganda e Marketing. Fez seu mestrado no de 2000 em ciências da comunicação na Universidade de São Paulo e recebeu o título de doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas no ano de 2014.

Professor efetivo na Universidade Federal do Mato Grosso desde de junho de 1998, Aclyse se considera “poeta nas horas cheias, professor nas horas vagas”. Além de morar em Cuiabá, Aclyse durante sua busca por especialização residiu no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Inglaterra - quando fez um curso complementar na Universidade de Cambridge. Escreve poemas, contos, crônicas, literatura infantil e se auto-intitula aprendiz de compositor que se arrisca escrevendo poemas musicados.

Desde de seu primeiro livro, *Assalto à mão armada* (1985) Aclyse busca retratar sua época e o espaço no qual habita. O poeta cuiabano é o atual dono da cadeira 3 na Academia Mato-Grossense de Letras, essa já foi ocupada por Luciane Carvalho, Cristina Campos, Lucinda Persona, Sueli Batista, Fernando Tadeu, Ivens Cuiabano Scaff.

Destacou-se em meio aos escritores cuiabanos devido ao forma ao mesmo tempo objetiva ao retratar a sociedade em que vive de forma a imprimir traço subjetivo a esta descrição do real e, com isso, demonstrando um viés diversificado em sua forma lírica de descrição de Cuiabá. Os seus livros são: *Assalto à mão armada* (1985), *Papel Picado* (1987), *O Saxofonista* (1986), *Natal Tropical* (1990), *Quem muito olha a Lua fica louco* (2000), objeto de estudo deste trabalho, *Um olhar sobre a cidade* (2002) e *Festa* (2015) livro dividido em duas partes A e B que contempla partituras musicais e linguagem poética em um diálogo constitutivo.

Sua lírica retrata, como dito, o ambiente pantaneiro e o Brasil enquanto diversificado em seu recorte cultural. Além de ter uma preocupação com os temas nacionais pode-se observar que a poesia de Aclyse de Mattos pincela as cores de um Brasil, principalmente fixando matizes múltiplas ao Cerrado brasileiro. Essas cores demonstram uma certa nacionalidade no autor baseando-se no que Machado de Assis expõe em seu artigo Instinto de Nacionalidade “poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-

se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro.” (ASSIS, 1873, p. 1)

O cerco

Faça de conta que está chovendo.
Não é difícil,
esta semana tem chovido muito

Agora pense que não muito longe,
sitiando completamente a aldeia,
estão as onças pintadas.

Seu pelo parece a sombra dos pingos de chuva
e os bigodes de seu focinho
tem pequenos diamantes de água
não se sabe se gota ou saliva.

Além de tudo isso é a época das cheias.
As águas do Paraguai, do Cuiabá, do Piquiri
ilham completamente a aldeia no Pantanal.

Não há pontes. A pólvora estava no paiol
que se inundou com um vazamento no teto.
Armas de fogo falham sob a chuva.

Entre os ranchos e as casas
folhas de acori e bolinhas e bocaiúva
caem com as rajadas de chuva.

Falta pouco para a vingança.
A aldeia cercada de onças
vai ser comida do mapa.
Estranha cidade-fantasma:
antes foi a Guerra do Paraguai

depois pelejas de vaqueiros.

Mas agora é que é fatal.

As cheias do Pantanal
e o sítio das onças pintadas
fazem das gotas de água
estranhas centenas de mini-fantasma
voando pelos quintais.

Agora faça de conta que não existe o medo
e espere seu fim
em altivez.

Afinal nada é melhor para a alma
que vagar nos pantanais. (MATOS, 2000, p. 10)

Nesse poema pode-se observar que Mato Grosso como cidade histórica e cultural é posta por meio da memória. Desde da invasão do Paraguai no terreno do Mato Grosso, com as cheias comum a cidade no período de chuvas e aos elementos da natureza como a onça pintada. Para uma melhor análise é necessário compreender o sentido do título do poema, cerco, nesse caso é a estratégia de guerra para dominar o inimigo. O poema irá trazer uma aldeia que carrega uma história sombria, ela foi ocupada pelos paraguaios na época da guerra, ela passa por uma cheia que inunda a aldeia e está é cercada por onças. O que resta é aceitar o destino e admirar a paisagem do pantanal.

A intimidade tanto com a natureza quanto com ambiente local é primordial nesse poema, o eu-lírico mostra que conhece bem onde está, o que enfrenta, ao dizer das chuvas e como elas aconteceram recentemente mostra a aproximação ao local, a forma que ele retrata as gotas do focinha da onça que podem ser das chuvas ou saliva demonstra que há uma observação próxima, atenta, contínua. Cada parte da composição comprovam que o eu-lírico está em casa, no pantanal.

Ademais esse contato é tão profundo que o sofrimento que a guerra leva para um povo que está em meio ao combate é transpassado para o poema. O eu-lírico revela que as cheias mudam o funcionamento da arma, do canhão pois a primeira falha em meio a chuva e a segunda

foi inundada e não há como fugir do medo de estar dentro de um cerco de guerra que não há saída. A cidade torna-se-á fantasma, esse signo é usado algumas vezes no poema e ele faz alusão a algo que lhe ronda e apesar de não ser tão nítido o faz lembrar e assimilar a alguma lembrança instantaneamente, sendo apresentado para marcar um momento depois da guerra porque a cada cheia, cada onça que passa fará com que ele volte para o momento da guerra, de estar cercado por instrumentos de ataque-defesa de uma guerra, do momento em que as onças voltam para o seu habitat.

O cerco, vai além do retrato da natureza ele mostra o sentimento do eu-lírico que ama seu local mas sentiu medo de estar lá, hoje, pode-se inferir com a situação do Rio de Janeiro, os cariocas no meio de uma guerra entre o Estado e os traficantes. A presença da memória é bem retratada e é marcada com uma continuação da ideia apresentada na terceira estrofe: “Seu pelo parece a sombra dos pingos de chuva/ e o bigodes de seu focinho/ tem pequenos diamantes de água/ não se sabe se gota ou saliva.” ao final do poema encontra-se: “Mas agora é que é fatal./ As cheias do Pantanal/ e os sítio das onças pintadas/ fazem das gotas de água/ estranhas centenas de mini-fantasmas/ voando pelos quintais.” a retomada da onça transformando as gotas de água em mini-fantasmas representa a memória do eu-lírico no momento em que ele estava no cerco observando cuidadosamente o que lhe rondava.

A poesia do pantaneiro, como foi visto em o cerco, está ligada diretamente às suas raízes nacionais contudo ela é fruto de uma história literária iniciada bem antes do Brasil ser nação. Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* nos diz que a literatura vem se ramificando desde os primórdios na cultura Grega-Romana e foi perpassando de geração em geração até, em termos de literatura brasileira, a literatura europeia e a literatura portuguesa e a partir dela a literatura brasileira. Para Proença (2004, p. 301), “um poema: traduzir o essencial poético, com mínimo de artifícios, a poesia em toda sua pureza, feita dos elementos mais cotidianos, encontrada nas coisas, nas criaturas e nas atitudes mais simples da vida.”.

Ao ler o livro *Quem muito olha a lua fica louco* percebe-se poemas em versos livres e com sua diversidade métrica os poemas trabalham novas formas de experimentação com a linguagem, incluindo, em alguns momentos, o diálogo com as artes plásticas e a música.

Entardecer

Tôrre: ^ o vôo em bândo dôs môrcêgos sôbre o vilarêjo (MATTOS, 2000, p.43)

Nesse poema podemos ver a relação intertextual com as artes plásticas, o uso da linearidade marcando o Sol que põe de forma linear e lenta, a marcação do sinal gráfico

durante o verso, inclusive sem a necessidade dele, representa os morcegos voando pelo fim da tarde e o recurso também é utilizado para pesar a sílaba, e assim, demonstrar que o dia chegou ao fim. No poema a seguir continuaremos a vê essas experimentações que autor faz, agora será de linguagem.

Aclyse & Gabriel de Mattos Co. de Poesia

apresenta

Grandes batalhas comerciais do século XX

em nossa rua

A Estrela da Borracha e a Rainha dos Plásticos

brigavam às portas do Mundo das Louças

Na outra esquina

o Líder das Pechinchas

desafiava o Dragão dos Tecidos

02.01.91

(MATTOS, 2000, p.45)

Nesse pode-se observar que é um anúncio semelhantes aos que convidam a comunidade para prestigiar um circo, ou companhia de teatro. A companhia é composta pelo autor e seu filho (Aclyse e Gabriel de Mattos). Eles fazem parte de uma companhia de poesia e convidam a todos para assistir uma briga comercial, na qual as lojas (A Estrela da Borracha, Rainha dos Plásticos, Mundo das Louças) tentam conquistar clientes, para assim, vencer a competição.

Esse poema tem características que ainda não foram discutidas como a data que foi escrita (02.01.1991), uma intergenericidade (poema e anúncio), a menção do nome do autor e se filho. Detalhes como os que foram supracitados marcam a ousadia do autor em se arriscar para encontrar formas diferentes de fazer poesia que o colocam dentro de uma perspectiva

modernista. Vale observar que as lojas podem ser fictícias mas fazem alusão a cidade de Cuiabá, enfatizando a definição de sua poesia como regional. Continuando com as experimentações, parte-se para uma composição mais musical do poeta.

Sonata

Periquitos - violinos

com seus gritos finos.

Papagaios - violas

com currupacos e curriolas.

Araras: violoncelos

com sons e sóis amarelos

Está formada a orquestra

sinfônica da floresta

que vem tocar na figueira

junto à cerca do curral.

Em três versões: matinal,

depois do almoço

e pôr do sol no quintal. (MATTOS, 2000, p.51)

Sonata é um poema musical e todos os animais citados tem espécies nativas brasileira. O periquito rei é encontrado por todo Brasil, é verde e tem o bico meio alaranjado e tem um som fino e por isso é associado aos violinos. O papagaio comum no Brasil e no Mato Grosso é verde e o som dele é mais grosso do que o periquito, o som dele remete a algo engraçado que causa riso, o lugar do bando na orquestra natural são as violas. As araras azuis com barriga amarela é da região Centro-Oeste e tem um som mais áspero e grave ocupando o lugar dos violoncelos. Uma orquestra animal, natural e gratuita que o eu-lírico pode ouvir cedo, após o almoço e durante o pôr do sol na cerca do quintal de casa.

Este diálogo com outras formas artísticas criam na linguagem de Mattos uma face heterogênea que, muitas vezes, lembram a experiência concretista de fazer uma poesia que dialoga com a imagem.

Silva Freire

20 convidá:

60 aí.

70 ler

100 palavras.

Cada caderno de poesia

Cajueiro, cardume, olaria

Dom Bosco, Mixto, esportista

Niemayer de Brasíliais verbais

Beatle de guitarra de cocho

Cronista de festa infinita

Bugrinho

Cuiabano

Tchá

Por Deus (MATTOS, 2000, p.15)

O poema é dedicado a Silva Freire que foi um poeta de vanguarda mato-grossense, o qual ocupou a cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras dos Mato Grosso, jornalista, professor e ocupa um espaço dentro da cultura e história de Cuiabá. Esse poema tem traços concretistas, não por acaso, por que Silva Freire foi um dos propulsores da poesia concreta no Brasil.

O poeta utiliza-se disso para marcar que esse poema tem uma experimentação concretista e do uso da linguagem. Ao começar o poeta utiliza-se de numerais para substituir a expressões: “vim te convidar”, “cê senta aí”, “cê tenta ler”. E essa experimentação

concretista de construir um poema além do verso e da métrica pode ser comprovada na mudança da escrita da primeira e segunda para a terceira estrofe. Nas primeiras estrofes o autor utiliza a seguinte ordem número cardinal > palavra, já na terceira estrofe a composição é por estrofes sem conexão direta uma com a outra, e cada estrofe com sua particularidade.

Na última estrofe pode-se perceber uma confusão, palavras sendo agrupadas de forma, aparentemente, aleatória entretanto tudo está posto de uma forma que a construção do poema seja cercado pelo regional, assim como, os poemas anteriores de Aclyse. “Cada caderno de poesia” é uma referência aos cadernos que Silva Freire escreveu e deixou, ele como já foi dito, tem um lugar primordial na história de Mato Grosso, inclusive o dia de seu nascimento é considerado o Dia do Poeta Mato-Grossense, outra referência dentro da estrofe ao poeta é o apelido bugrinho cuiabano, que aparece separado pois em Cuiabá só bugrinho já o representa.

Os substantivos que aparecem a partir da segunda estrofe são brasileiro, cajueiro é uma árvore frutífera do nordeste que Silva Freire tinha em casa e passava um tempo com a família. O bugrinho foi açougueiro o que pode-se ligar ao cardume, coletivo de peixes, colocado no segundo verso da última estrofe que é seguida pela palavra olaria que é comumente conhecida por que é a forma que se cerâmica, contudo aqui no Brasil tem uma comunidade quilombola na Paraíba com o mesmo nome e Silva Freire defendeu a cultura afro, inclusive fundou o Teatro Afro-Brasileiro.

No poema ainda tem a figura de Dom Bosco que junto com os Salesianos veio para o Brasil e teve um sonho profético com a nação. A imagem de Niemayer um dos maiores arquitetos do Brasil, responsável por muitos projetos, inclusive a construção da atual capital do Brasil, Brasília. Encontra-se referência ao clube de futebol de Cuiabá, Mixto e “Beatle de guitarra de cocho” que foi uma fusão de guitarra com viola de cocho, esse é um instrumento de cordas dedilhadas de Cuiabá, ligado a Beatle que é conhecida com uma banda de rock mundial e que na década de 80 foi o forte para os músicos regionais fazerem suas adaptações. E ao final com uma expressão Mato Grossense, Aclyse de Mattos finaliza o seu poema admirando Silva Freire “tchá/ por Deus”.

A

garça

e

s

t

i

c

a

-

s

e

toda

olhos e

atenção

quando

costura

mais um

peixe no

lago

b p

o r

r e

d g

a a

n n

d d

Bot ões _____ (MATTOS, 2000, p.12)

O poema acima é novamente uma experiência concreta, neste o poeta procura formar imagens. Ele começa instigando a imagem de uma garça esticando-se, como se ela estivesse a começar a sobrevoar. O ato seguinte da ave é voar entretanto buscando uma estratégia para

enganar seu alvo, escolhendo pois o vôo em zigue-zague. A garça com toda sua esperteza, sedução e agilidade visa o seu alimento e se prepara para dar o bote no peixe.

Nesse momento frisa-se que apenas a imagem do céu aparece no poema, e agora prestes a conseguir seu alimento, a garça irá unir céus e águas, as paisagens em tons de azuis se encontrarão e teremos uma expansão desses elementos que serão bordados ou pregados pela garça. Após esse momento de fusão, a ave abocanhou seu alimento e seguiu seu caminho, nós iremos seguir dentro da obra.

Pode-se observar que há indícios de alguma intertextualidade entre alguns dos poetas cânones modernistas como no poema não intitulado de Aclise com Infância de Carlos Drummond de Andrade, enfatizando que a literatura é um caminho de tradição, e que caminha sempre contrapondo-se, repetindo padrões, lembrando formas de algum autor.

Quando meu pai ia ao Náutico
era escondido de todos
o rio, a lua, a canoa
o rumorejar da garoa
tão fina, tão boa
que nem chega a cair
assim um suor da noite

Imagino o espírito confiante de incertezas
e os mapas que faria depois
desdobrando o seu bolso de aventuras

Meu pai que construiu toda sua liberdade
nos pequenos desvãos dos entregentes
em momentos, em instantes
nos Carnavais sem Estelita e Brás
no silêncio das árvores do campo
no labirinto de livros escondido
nas pequenas memórias de felicidade
nunca dias
como sob a noite
indo a uma festa popular

escondido de todos
o rio, a lua, a canoa
Sempre indo a um Náutico
de bailes beira rio
bandeiras, trombones e vestidos de chita
balançando no vento da noite sem guarita.

A poesia de Aclyse de Mattos a natureza é representação do que ele vive e sente, ela não é posta apenas como pano de fundo para formação de imagens. A primeira estrofe marca o local que o eu-lírico se transporta, já que é uma memória de algo que lhe foi contado. O rio o qual ele revela é o mesmo que seu pai visita para ir aos bailes, pode-se sentir a brisa que a garoa produz, essa refresca, e passa uma sensação novamente, de calma pois ela é fina e boa.

A terceira estrofe, remete novamente a calma, ao silêncio, a tranquilidade marcada pela natureza, pelas árvores onde irá ter seu momento de leitura, assim como em *Infância* que o eu-lírico escolhe a mangueira para se encostar e ler. O eu-lírico ainda afirma que sua recordação feliz é feita a noite, que pode-se inferir que o motivo seja porque o pai gostava de ir ao Náutico a noite ou porque a noite é silenciosa e calma, um momento do dia que as pessoas retiram para pensar e refletir. Ele citará o Náutico e os bailes que o pai visitava durante a noite, sendo possível pensar que o eu-lírico prefere a noite ao dia.

Pode-se inferir uma relação entre o poema de Aclyse de Mattos com *Infância* pois ambos retratam a natureza relacionando-se com o aspecto da próxima hipótese, a família. O ambiente familiar é mais presente no poema de Carlos de Drummond de Andrade do que no de Aclyse de Mattos, contudo isso não impede a relação entre esses. A família em *Infância* é composta por pai, mãe e irmão enquanto no poema do cuiabano só temos a imagem do pai que é o referencial da história do eu-lírico tendo a importância primordial.

Aclyse de Mattos, cuiabano, traz em sua poesia uma característica iniciada na segunda geração do Modernismo Brasileiro que ganhou mais força na geração de 45, qual seja, a heterogeneidade de estilo em um diálogo com o visual e o cromático. Seus poemas quase sempre visitam pela memória sua cidade natal, o povo cuiabano com seus hábitos e costumes e problemas sociais ligados a natureza local, sem reduzir sua poética à descrição do cenário como traço apenas de identidade primária. Trata-se de uma poesia de síntese, antropofágica.

Seu livro, *Quem Muito Olha a Lua Fica Louco* é repleto de elementos regionais e os poemas, em sua maioria, não ganham título dado pelo autor mas cada um é idiossincrático,

dentro da totalidade da obra de Aclyse de Mattos. O livro é cheio de simbolismos, desde sua capa até o último poema. Segundo Marta Helena Cucco os desenhos e a cor da capa foram escolhidas propositalmente. A cor azul representa os céus e as águas do Pantanal. O homem e a Lua ao final representaria uma pessoa que foi abduzida para órbita lunar através do encantamento que ela produziu.

Ainda tendo por base o texto de Cucco, ela diz que o livro é regido por uma ordem cronológica, de modo que seus poemas partem da criação e vão de encontro com a imaginação.

Entretanto, como poema inaugural, temos, conforme a ordem da própria poesia (lembremo-nos dos poemas épicos [...] eram constituintes da forma), uma dedicatória, texto que também fala de anterioridades e do curso da história, sugerindo uma concepção temporal cíclica e o efeito do tempo e da cultura sobre o nosso olhar, bem como o valor da imaginação e do devaneio na realização de uma obra: (CUCCO, p.122; 2014)

A autora chama atenção para a dedicatória que há no livro e marca o caminho que será trilhado durante a obra do cuiabano. Salienta-se que a partir da capa até o final do livro seguirá um caminho, esse nos levará para dentro de Mato-Grosso, nos será apresentado a cultura, as ruas, as pessoas que lá vivem e constroem seus sonhos. O autor denominou o livro como imagético, ou seja, um livro no qual as palavras, versos e poemas se tornam imagens, para isso é necessário que a nossa imaginação dê espaço e forma para cada signo criado.

Dedicatória Esfacelada

Tudo o que é belo foi um dia estranho
tudo o que é velho foi um dia novo
tudo o que é verso foi um dia sonho (MATOS, 2000, p. 7)

Já no início do livro, na dedicatória, o cuiabano mostra que em seu livro terá renovação. O belo de hoje, não é o mesmo de amanhã, pois a cada dia os pensamentos e os gostos mudam. Na década de 20 a moda era uma, e isso era o belo com o passar dos anos as tendências foram mudando, causando uma sensação estranha a princípio e depois entrando ao gosto popular se tornando belo. O velho já foi novo, seja pessoa, roupa, plantas. A cada dia o amadurecimento de algo o torna mais velho.

O cotidiano cria o que conhecemos, assim como o autor disse, a adaptação e o costume foi passado e renovado. Pressupõe-se que os poemas que daqui em diante serão trabalhados foram construções de sonhos. Continuando com a ordem cronológica, temos então, o primeiro poema do livro:

A cheia

Escrever não é conjurar fantasmas
com lenhas-letras ardendo na noite da página,
Santa Sé dos sonhos e memórias,
Praça de um Carnaval. Não neste verso.
Este é um dia de cheia num verão de chuvas,
em que a murada do porto (caiada de branco)
ficou apinhada de rostos para ver as águas,
e para a praça todos acorriam
olhando e comentando o volume do rio.
Eu e os meus irmãos também estávamos,
e as árvores tinham silêncio e murmúrios
ao invés de flores e frutos. Um velho
vaticinou que enquanto os paus rodados
descessem das barrancas mais acima
era sinal de chuvas fortes e águas
varrendo e arrastando matas à beira do rio.
Carros, charretes, bicicletas paravam
longe, assim cem metros, ruas alagadiças,
lamas chegando às portas do cinema -
o Cine São Luiz, que a gente do porto
enchia e transbordava com flores de pipoca.
Em cada rastro, em cada susto, em cada rosto
de mulher ou homem olhando da murada
invoco e lembro como ainda hoje,
quando o que enche é a vida
e salta pela goela o desânimo.
Aquelas águas pardas, barro, galhos
mortos como caligrafia negra sobre as águas pardas

descendo rumo ao Paraguai e Corumbá,
o Pantanal e Mar Del Plata. E os bairros
removidos, visto que alagaram,
filas de gente com fogões e trapos,
sofás vermelhos, mobiliário gasto,
em pequenas canoas tocando a copa
das goiabeiras e figos do quintal,
Hoje pátio de porto de sampanas,
Veneza imaginária e cobiçosa
que são as águas cheias do verão.
Nunca lugar nenhum ficou a salvo.
Luzes de geradores, casa ilhadas, alvo
para ladrões navais, piratas fluviais
com candelabros sobre os pianos afogados,
janelas que estão sem dono, armas
e pólvoras. Tapas num rosto de mosquitos.
Escotilhas, fintas, listras
de cadernado barroco de crianças.
Não. Escrever é conjurar fantasmas.
Mas desde quando fantasmas precisam
ser chamados, se como as águas
invadem o inútil mundo organizado? (MATTOS, 2000, p 8-9)

Esse poema, pode simbolizar o dilúvio, o qual foi considerado como uma inundação de águas sob a terra. Em termos bíblicos, Noé constrói uma arca e salva as espécies de animais para que a vida continue. A escolha de A cheia para abrir o livro vai muito além de uma inundação sob a terra, ela representa a separação entre as águas e o céu. Ao longo do livro será perceptível que não só a Lua tem foco mas as águas também. E ao salvar os animais do dilúvio, Noé salva a humanidade e espécies sendo um novo começo, e assim, o livro começa.

A questão das águas pode-se ligar a área Pantaneira a qual tem períodos longos de cheias, e enchentes, por isso, acredita-se que a escolha das águas é para marcar mais um elemento típico de sua vida, até porque o autor nasceu em dia de cheia da cidade. Cucco nos

relata que os fantasmas e águas são a poesia e que tal metáfora serve para questionar uma certa ordem.

Ao iniciar o poema o eu-lírico diz que escrever não é conjurar fantasmas e ao final afirma que é sim. Essa mudança de opinião demonstra que todos os dias, a cada renovação o nosso olhar para o mundo muda, e que nada é concreto, e muda, assim como marcado na dedicatória. O ser humano, a vida, é metamorfose contínua que precisa ser encarada, apesar da cheia, as pessoas foram ao cinema e comeram suas pipocas, ao escrever pode-se iniciar um poema, e assim como fantasmas não precisam ser chamados, a vida não precisa chamar para acontecer é um fluxo natural. Esse processo de transcender em situações adversas é mostrada em O cerco, ademais o próximo poema falará sobre a renovação cotidiana da natureza e metaforicamente humana.

subitamente o ipê

enche de cor

a madrugada (MATTOS, 2000, p.53)

Esse pequeno poema fala de como o processo do ipê ocorre e, assim como o autor deseja, um quadro se forma com as palavras. A imaginação floresce, da mesma forma com o ipê, e ganha formato. Relacionando esse poemeto com o próximo podemos visualizar um processo natural que todas as cidades que têm ipê em sua região pode observar todos os anos.

flor

cai

tão curto

o espetáculo do ipê

alguns dias

chuva roxa

sob o sol dos aromas

de novo

só no ano que vem

03.08.95 (MATTOS, 2000, p. 55)

A união dos dois mostram o ciclo do ipê que floresce em meio a madrugada sem que ninguém perceba, tende a iniciar com a coloração roxa e passar para o amarelo, rosa e branco. Essa árvore que deixa as cidades com estações secas mais bonita, floresce uma vez por ano e fica por poucos dias a se exhibir, logo suas flores caem e ela volta para o período de “hibernação”.

Podemos observar como Aclyse consegue transformar um estágio natural em poesia, e além disso explicar divinamente como ele mesmo denomina “o espetáculo do ipê”. A exemplo do ipê, o ser humano se renova a cada fase, acontecimento, ano de sua vida. O espetáculo do ipê pode ser associado a cada um, a própria mudança interior e exterior.

As mudanças que ele aponta no livro não são apenas naturais dentro da vida, mas aquelas que são criadas e afetam toda uma classe. O próximo poema será uma denúncia social a forma que os ribeirinhos estão ficando de lado, sem atenção devido a vida corrida e tecnológica que hoje é levada.

Mercado de Peixes

Piraputanga pacu pacupeva

pintado piranha piava

dourado cachara rubafo

jaú lambari corimbatá

- Quem qué comprá? –

diz o vendedor

um dente amarelo na boca.

seu barco certo nunca viu

leme ou timão, siquer motor de popa.

O pito no canto da boca
que dança pra lá e pra cá

Ao canto de apregoá:
- Bagre pacu corimbatá!

Lá fora o rio, manso,
dança a certeza de cair no mar,
mais tarde, muito mais tarde,
com lentidão de sol de meio-dia.

- Quem qué comprá?

Olha que a Cida anda cara.

Corimbatá ou cachara? (MATTOS, 2000, p.32)

O poema é composto por nomes de peixes, todos são da região pantaneira ou pertencem a bacia do Prata marcando mais uma vez o compromisso do autor de falar sobre sua terra. O vendedor é também pescador de peixes e sai pela cidade oferecendo aqueles que ele pescou. Uma atividade comum em cidades de porto, e em Cuiabá. A denúncia social está na forma em que ele vive. A forma oralizada de sua fala pode marcar uma falta de estudos, ele tem um dente amarelo, marcando a marginalização a qual ele está inserido. Em uma época com tantas tecnologias e avanços digitais o barco que o vendedor usa não tem um motor simples, ou seja, ele rema para alcançar a melhor área para pesca, mostrando o trabalho braçal que é necessário e a pouca valorização do seu trabalho. O eu-lírico usa de todos esses elementos para falar daqueles que estão a margem e são de suma importância para economia local, mesmo sem ter apoio e recursos fundamentais.

Em *Mercado de Peixes*, a natureza aparece no peixes e o poema a seguir irá fundir dois elementos cruciais dentro do livro.

céu do pantanal

lago invertido

peixestrelas (MATTOS, 200, p. 13)

Marta Helena Cucco, em *Mitos, imagem e símbolos em Quem Muito Olha a Lua Fica Louco*, de *Aclyse de Mattos* associa esse poema a criação do mundo, o qual céu e terra se separam. As águas contendo os seres marinhos, e o céu o qual as aves passeiam e a moradia dos astros que marcam o dia e a noite, o Sol e Lua respectivamente. A inversão da posição transforma os peixes em estrelas.

A união dos dois elementos (céu + água) vem após eles aparecerem separados, primeiro a água aparece em “A cheia” e “O cerco” e o céu no poema “A garça”. A fusão entre pode marcar a formação do universo na bíblia entretanto de forma invertida. No livro de Gênesis, do primeiro dia Deus separa o céu e as águas e cria o dia e a noite, no segundo dia cria a terra e o mar. Contudo dentro do livro, esse poema é a chave para marcar a união do céu e da água, após ele encontra-se poemas como “Calendário da Lua e da Pesca” que une os dois.

A união foi estabelecida, entretanto deixaremos as águas guardadas já que essas foram exploradas nessa parte do trabalho, e agora iremos discutir sobre o céu, o astro da noite e do livro, a Lua. O poema que será discutido, trás consigo o nome do livro e mostra como uma pessoa pode ficar hipnotizada ao olhar para ela.

O dia do eclipse

Quem muito

olha a lua

fica louco

diz o povo

apontando

a um garoto

globo ocular

vazio

ôco

como luas
nas pupilas
dando a rua
dois de trôco

olha de gaze
múmia
fria
vaze
quando a nuvem
corta
sua íris
pisca
pires
de leite
que entorna
mas não vaza
verte sim
diverte sim
luar de via-láctea
fanáticos
lunáticos
e gatos lacrimais
vagando nos quintais
com seus miais (MATOS, 2000, p. 48)

Logo podemos observar esses desenhos que são formados dentro de um poema. No caso do “O dia do Eclipse” pode-se imaginar um menino que aponta e observa aquela Lua que está prestes a se encontrar com o Sol e as pessoas o observando, achando que ele é louco, apontam para ele pois acham que aquela Lua que está passando por um processo de encontro com o Sol e que reflete na Terra durante um encontro de rotações, o eclipse, está enfeitiçado. O mito que a Lua enfeitiça pessoa aparece não só nesse poema, mas também:

lua canibal

seu prato de osso

e dentes no pescoço

lua canibal

sujeito e predicado

sem verbos no passado

lua canibal

seu negro caldeirão

e estrelas no sopão (MATTOS, 2000, p. 36)

Cucco relata que nesse poema a Lua além de estar acompanhada por canibal que come humanos, quando associada ao negro caldeirão torna-se uma bruxa. Ligando esse poema com O dia do Eclipse, pode-se construir uma alusão de a Lua, durante o eclipse, na escuridão enfeitiçou o menino e esse só tem olhos para ela e com isso seu olhar fica vazio e suas pupilas estão dilatadas, admirando-a demonstrando a grande fascinação, e assim ficando tão grandes como a Lua.

Aclyse, escreve sobre a Lua seja ela como um mito negativo e depreciativo ou mostrando sua importância, metaforizando ao ser humano, a nossa mudança. Assim como a Lua que tem quatro fases durante o mês, nós estamos em constante metamorfose. Esse astro aparece também em outro poema, nesse momento, o livro é fundido e é aqui que temos o primeiro poema após a união do céu e da terra. A Lua, além de representar o céu, ela é ligada novamente a atividade ribeirinha da pesca.

Calendário da lua e da pesca

lua nos olhos dos peixes

o cardume se apresenta
como cinturão de satélites

A faca das águas
se afia no luar

a fertilidade da pesca
é tão femininamente obscena

Pescador
em hipnose
vendo os movimentos de circo
da cauda dos lambaris

Tirar um peixe da água: cruel e estético

Cruel como a trama torta dos anzóis

Estético como a luz
desenhando escamas em saltos
multiplicadas por gotas contra o sol

A linha do rio

escreve nas margens:

vida, canoas

E portos como lua nova

Novamente a Lua é posta como encantamento para pescadores e peixes, mas também de fecundidade, pois ao hipnotizar os peixes trazendo-os para superfície torna a pesca rica. A Lua nova ao final demonstra que há sempre uma renovação da pesca e que os pescadores e peixes voltam a se encontrar no mesmo rio, sob o luar da fecundidade.

Pós-logo

Quem nunca

olha lua

nem pode

ficar louco:

já está

olhando só

para dentro

lugares

em que nunca

se há de iluminar

desvãos

desvais

desvios

com olhos de vitrais

despercebidos

ou mais

olhando só

o ar

o meio do ar

o ar do olhar

não vê
porque
não sai
do seu lugar
de olhar

nem si
nem mi
nem lia
siderado
na tontura

com um poema
só que só
palavras
nem leitor
autor
ou tema

05.02.2000

(MATTOS, 2000, p. 74)

Esse poema foi escolhido pelo autor para ser seu poema conclusivo, e por isso, foi escolhido para encerrar esse trabalho. Diferente do prólogo que busca chamar a atenção do leitor para os encantamentos da Lua, agora o autor procura mostrar a beleza do satélite natural da Terra.

Esse é descrito nas formas da natureza ou no linguajar regional. O autor não deixa de criticar a forma que o vendedor de peixes vive. Não esquece de mostrar a história do Pantanal marcada por guerras e cheias. Ele não se esquece de nos lembrar da importância de Silva Freire e o dedica um poema. O cuiabense se arrisca nas distintas formas artísticas. A experimentação da poesia, a qual é marca de uma poesia moderna, tem um toque de brasilidade e regionalismo.

4. Considerações Finais

Em síntese, o livro é uma verdadeira aventura, seja para o leitor ou autor que experimentou formas de artes. Desde da capa encontra-se detalhes que irão englobar toda a história humana. Marta Helena Cucco relata: “[...] à reescrita do sentido de olhar, da tradicional advertência para o aconselhamento: olhemos para lua, cuidemos de nossa sensibilidade e vivamos a poesia.[...]”.

Se olharmos para todo o percurso que o livro faz, podemos afirmar que Aclyse separa as fases de sua obra, que ao final torna-se global. Primeiro ele adverte sobre os encantos da Lua, depois ele irá mostrar as lendas em volta dela, uma ligação com o feminino, sempre retratando o Pantanal cuiabense.

Dentro de todo esse caminho que fizemos, o autor nos mostra o quão importante é nos reinventarmos, assim como a natureza se reinventa, inclusive ele revela que passamos por metamorfoses diárias.

Encontra-se, todo o ambiente pantaneiro, traço do cuiabano que ao escrever Quem Muito Olha a Lua fica louco, não fala apenas da beleza do nosso satélite natural mas também dos seus mitos, da sua influência no Pantanal.

Salienta-se que a Lua mitológica é remodelada e assim, ao final dessa obra de arte encontramos a beleza natural da Lua, seus encantos que desvia olhares de vitrais, pensamentos, e assim como um poema só se mantém ali naquele lugar que precisa de alguém para admirá-la. Por fim, o poema não existe sozinho, pelo contrário, ele precisa do autor e do leitor, assim como a lua precisa do telespectador para devanear.

5. Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Arte poética*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade. In.: _____. *Obra completa: crítica*. Rio de Janeiro, Aguillar, 1965. Vol. III.

AUERBACH, Erich. Fortunata. In: AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2007c, p. 21-42.

BOSI, A. *Pré-Modernismo e Modernismo*. In.: _____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017.

COCCO, M. H. ; SILVA, R. R. *Nossas vozes, nosso chão: antologia poética comentada*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Ensaio Sobre a História da Literatura no Brasil Estudo Preliminar. In.: _____. *Crítica Literária Romântica no Brasil: primeiras manifestações*. Porto Alegre: Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, volume 5, número 2, 1999.

MATTOS, Aclyse. *Quem muito olha a lua fica louco*. Cuiabá: ?, 2000.

PROENÇA FILHO. D. *Estilos de época na literatura brasileira*. São Paulo: Prumo, 2012.

REIS R.; JURANA M.. *Peça Bugrinho é encenada no Museu Histórico de Mato Grosso*. Mato Grosso: Assessoria Casa Silva Freire, 2015. Disponível em: <<http://www.secitec.mt.gov.br/imprime.php?cid=153951&sid=164>>. Último acesso em: abr, 2018.

MARIMON M. *O Bugrinho apaixonado por Cuiabá e pela vida: Silva Freire o poeta do cerrado é eterno em lembranças*. Mato Grosso: Olhar Conceito, 2014. Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/conceito/noticias/exibir.asp?noticia=O_Bugrinho_apaixoad_o_por_Cuiaba_e_pela_vida_Silva_Freire_o_poeta_do_cerrado_e_eterno&id=3694>. Último acesso em: abr, 2018.

Dicionário Cuiabano. Mato Grosso: Prefeitura de Cuiabá. Disponível em: <<http://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/cultura/dicionario-cuiabano/>>. Último acesso em: abr, 2018.

REDAÇÃO. *Em Cuiabá, o rock tem presente, passado e futuro*. Mato Grosso: Jornal Livre, 2017. Disponível em: <<http://www.olivre.com.br/cultura/em-cuiaba-o-rock-tem-presente-passado-e-futuro/4982>>. Último acesso em: abr, 2018.

6. Bibliografia

- ANDRADE, M. d. O movimento modernista. In.: _____. *Obra crítica reunida*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 12-38.
- ARISTÓTELES. *Arte poética*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- AUERBACH, Erich. Fortunata. In: AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2007c, p. 21-42.
- AVILA, A. *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BARBOSA, J. A. *A leitura do intervalo: ensaios de crítica*. São Paulo. Iluminuras, 1990
- CANDIDO, A. *A educação pela noite & outros Ensaios*. Editora Ática: São Paulo, 1989.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 4.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.
- CASCUDO, L. C. da. *Literatura oral no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.
- COCCO, M. H. ; SILVA, R. R. *Nossas vozes, nosso chão: antologia poética comentada*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011.
- COSTA LIMA (org.). *Mimesis e a reflexão contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 87-135.
- COSTA LIMA. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- JAKOBSON, R. O dominante. In.: _____. *Escritos selecionados*. São Paulo: Edusp, 1996.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão *et al* . Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Ensaio Sobre a História da Literatura no Brasil Estudo Preliminar. In.:_____ *Crítica Literária Romântica no Brasil: primeiras manifestações*. Porto Alegre: Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, volume 5, número 2, 1999.
- PEDROSA, C. Traços de memória na poesia brasileira contemporânea. In.: _____. *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- STAIGER, E. *Conceitos fundamentais de poética*. São Paulo: Vozes, 1971.
- TODOROV. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Global, 2000.

VALÉRY, P. *Variedades*. Organização e introdução João Alexandre Barbosa. Posfácio de Aginaldo José Gonçalves. Tradução de Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1999.